

TÍTULO: SEXUALIDADE E COTIDIANO ESCOLAR

PIMENTEL, Nilton Poletto - PPGE/UFF

GE: Gênero, Sexualidade e Educação / n.23

Agência Financiadora: CNPq

INTRODUÇÃO:

O presente trabalho é resultado de uma análise de elementos de minha pesquisa de campo realizada para a elaboração da dissertação de mestrado em educação na Universidade Federal do ES e que se desdobra hoje num continuum analítico.

Nesse momento, os dados com que trabalho têm seu foco sob as análises que empreendo hoje no curso de doutorado em educação na Universidade Federal Fluminense: os estudos sobre cotidiano escolar.

No mestrado procurei relacionar os temas aids-educação-jovens gueis, e ver como que os discursos desses jovens corroboram suas vulnerabilidades frente à epidemia do hiv/aids e suas relações com o campo educativo. No doutorado, início, a partir de alguns dados empíricos da pesquisa obtidos junto aos jovens, uma descrição e análise de elementos discursivos que ficaram como indícios de que suas vivências cotidianas concretas na escola nos proporcionam pistas importantes para os estudos do tema da sexualidade.

O que faço é ampliar os insights que os discursos desses jovens fornecem, tentando compreender tanto os dolorosos processos de violências e sujeição, quanto “*compreender as histórias de desejo e de amizade que teimam em existir, apesar das condições hostis*” (Britzman:1996,p74).

Para além de observar as sociabilidades escolares em relação à discriminação e violência, busco, então, apontar pistas nas produções discursivas dos jovens gueis, que estão no cotidiano escolar, escapando das formas de controle e disciplinamento.

Esse trabalho ainda é *limitado*, mas mesmo assim *pleno* na tentativa de produzir produzindo-se numa *não originalidade*, numa *possibilidade* de se estar sendo algo que tem uma pretensão de mudança *nas coisas*, com elas, numa intensa *política de promiscuidade*, no sentido de que ele é de uma impureza, *immunditia*. Dele não se extraem novidades,

movem-se e se conflitam coisas. Todas as que me interpelaram e com as quais me promiscuí ao longo de sua elaboração.

OBJETIVO:

O objetivo deste estudo foi descrever e analisar, a partir dos discursos dos jovens gueis pobres escolhidos para a pesquisa, ações que no cotidiano escolar demarcam suas táticas de produzir linhas de fuga e resistência em relação às normas morais instituídas.

METODOLOGIA:

Os três jovens pesquisados foram intencionalmente escolhidos com critérios definidos. Jovens com faixa etária entre 16 e 19 anos de idade, que tivessem entre si uma convivência social com maiores proximidades possíveis (geograficamente inclusive), que pertencessem do ponto de vista sócio-econômico a camada pobre da população e que se dispusessem a participar voluntariamente e de maneira constante do processo de pesquisa.

Utilizei-me de observações de campo e entrevistas semi-estruturadas. Assim, tive um roteiro prévio, mas lidando com conteúdos não previstos, pude descrever, por exemplo, as trajetórias de estudo e trabalho dos adolescentes, também as trajetórias afetivo-sexuais que se desdobram em primeiras experiências amorosas e primeiras relações sexuais, bem como suas (con) vivências escolares, entre outros temas.

RESULTADOS:

Os resultados vêm de discursos que impõem questões as quais podem servir para nós, educadores, como pistas, temas, inquietações, surpresas e desencaixes, que considero serem importantes para provocar alteração. Ao abrirem e abrirem-se para o campo do visível, tais discursos dão-nos uma visibilidade não controlável mas, sim, desestabilizadamente fugidia. Aspectos que resistem ao próprio jogo do cotidiano, considerando também que *“as resistências no/do cotidiano tem de se dar dentro da própria trama social e não a partir de algum lugar externo”* (Certeau:1994 pp98).

Das pistas do cotidiano

Para um dos pesquisados sua primeira relação com homem foi com aproximadamente aos quatorze anos, no colégio, com o professor de educação física e dentro do banheiro dos professores.

Primeira relação para os jovens está relacionada com primeira penetração. Mas, o mais significativo aqui é o professor e seu banheiro. Duas instituições (professor–aluno) e um

espaço. Juntos, os desejos de ambos de manterem relação sexual. Sua recordação é prazerosa e divertida à medida que sabe o quanto havia transgredido. Resta-me a dúvida (não identifiquei) de quem teria tomado a iniciativa, poderia ser mais uma pista para a análise. Tal fato é um emblema dos desafios que temos que enfrentar para dessacralizar o espaço de nossas relações de trabalho como um espaço que transpira intenções.

Para ele também, o que o fazia ir para a escola (o motivava) eram os “*meninos*”. Principalmente no período em que se sentia “*mais a vontade*” com seus desejos. Pegar na “*mala*” dos meninos dentro do banheiro, passou a ser uma prática freqüente e motivadora para ir “*pro colégio*”. Relata acordar pela manhã já pensando nisso e se poderia obter sucesso em um novo encontro junto a outros meninos. Fala de “*não pensar na matéria que ia ter*”, sobre “*o quê*” a professora ia falar, mas de como iriam se dar os encontros com os colegas no banheiro da escola. A borracha emprestada servia como instrumento de comunicação para marcar encontros.

Alguns meninos, por sua parte, participavam do jogo da relação exibindo o “*peru*”, coisa que incentivava o jovem em querer ir pro colégio.

As falas trazem também o quanto foram interpelados por dizeres de que iniciando suas vidas sexuais suas vidas iriam mudar radicalmente, criando expectativas. A exaltação da importância capital que a sexualidade desempenha em nossa sociedade, monta à crença numa mudança radical em nossa forma de viver tão logo passemos a “*exercitá-la*”. A falas de “*todo mundo me falava*” e “*eu continuei a mesma coisa*” pode ser um emblema dessa contingência paradoxística. Ele emula tal contingência.

Há um deslocamento dessa compreensão tão cara em nosso tempo, de que uma alteração implacável nos espera tão logo começemos a botar em funcionamento isso que conhecemos como o “*início*” da vida sexual. São tantos os campos preocupados com esse empreendimento, que quanto mais falam, mais reforçam sua capitalização.

Sua falas negadas a isso, apresentam que não é pelo ato em si mesmo, mas pelo que se julga que, devendo sê-lo, esperam-se mudanças.

Portanto, as mudanças são centradas numa valoração montada com uma preocupação capital com o “*sexo*”. Para os jovens, nesse momento não aconteceu o esperado. Suas preocupações com mudança estavam noutro lugar: no trabalho. Declaram ter sido o trabalho que os fez tornarem-se “*mais maduro*” e não o início da “*vida sexual*”.

Os pesquisados discursam também acerca de suas relações de amizade. Falam da curiosidade dos “outros” jovens que se aproximam deles em busca de relatos de suas vidas, de suas práticas. Isso os potencializa. A curiosidade nesse caso abre, faz escapar, consegue proporcionar a possibilidade da vinda do outro e da afirmação de poder dominar o que o outro desconhece: a vida guei. Assim, firmar-se, valorizar-se, resistência e produção nas relações.

CONCLUSÃO:

O cotidiano é o campo de jogos por poder, que se realizam com objetivo à hegemonia discursiva sobre ética, moral e “bons costumes”.

O poder, sendo o jogo de forças (Foucault,1987) que é não nos deixa encerrar os jovens gueis no intransponível.

Os jovens que se identificam com gueis passam por situações de constrangimento e/ou humilhação, mas nem por isso devemos afirmar que eles estejam confinados num trauma profundo do qual somente as terapias ou mesmo os dogmas das religiões podem lhes dar alento.

Nossas escolas precisam abandonar o politicamente correto, de que os jovens gueis são “normais” ou “filhos de deus”, um olhar humanista e um cristão, que acabam por expressar uma *vitimização*. Na tentativa de responder a uma demanda guei concreta na escola e na impossibilidade de respondê-la com segurança, apela para uma postura que se pretende “moderna”, ou seja, os jovens gueis são “frágeis” diante das adversidades. Uma despotencialização.

Precisamos entender que estamos ainda diante da disciplina de fazer com que tais pessoas não somente façam o que queremos, mas que operem como queremos (Foucault,1987). Os adolescentes e jovens gueis podem até existir e de certa forma é até necessário que existam, todavia, que se mantenham “comportados”. Não expressem gestos que possam vir comprometer o *establishment* da escola. Todo cuidado é pouco, para que não se manifestem situações que tragam “problemas” para a escola.

Há uma *anatomia política do detalhe* (Foucault:1987,p128). Nada formalmente estipulado proíbe trejeitos e tom de voz (traços mais citados como “causa” da discriminação) mas uma norma fortemente marcada, sim.

Porque o que está em jogo não são os jovens em si, mas, sim, uma *contabilidade moral* (Ib.,p128).

Porém, as formas de fazer (Certeau,1994) as relações no cotidiano são mais complexas que o sistema de controle pode suportar. Nessa pesquisa os jovens apropriaram-se de suas visibilidades de preferências sexuais, de suas “*veadagens*” (que por vezes lhes são bastante prazerosas como forma de diversão, sociabilidade e resistência), e vivenciaram relações de amizade, erotismo, inimizades, atos sexuais, etc.

È momento de passarmos a admitir que a todo o momento dentro da escola estão acontecendo coisas que se repetem produtivamente, mas que também escapam da repetição, que irrompem em produções inusitadas, que podemos vislumbrar a possibilidade de balizarmos nosso trabalho com aquilo que vimos tratando ou como exceção ou como não relevante.

Importante para começarmos a “arriscar o óbvio”: “*A pedagogia produz não apenas versões particulares do conhecimento de sujeitos, mas o próprio sujeito que supostamente conhece*” (Britzmann:1996, p77).

A autora obviamente bebeu da perspectiva foucaultiana de análise, e o que ela procura comunicar é sua compreensão radical “*da natureza discursiva do conhecimento, das histórias e das práticas que possibilitam que o sexual emerja como um problema*”(Ib.,75).

Portanto, nossa construção de práticas democráticas na escola deve necessariamente considerar o tipo de sujeitos que estamos produzindo. Que tipos de divisões que subjetivamos entre os alunos e dentro dos alunos. Que modalidade de experiência e de existir, dentro da escola, estamos elaborando com todos que ali se encontram. Dentre eles, nós mesmos.

Estamos diante de uma produção deficitária frente as construções instáveis, ambíguas e, por vezes, bastante contraditórias que performam as experiências vividas pelos jovens gueis, seus colegas de relações, e rigorosamente nós mesmos, frente ao tema da sexualidade.

Longe de esgotar todos os campos de coexistências dessa minha pesquisa-discurso, foi entre alguns deles que cheguei a essa produção de um saber que chamamos de “resultado da pesquisa” que, por suas próprias características, são resultados de processos, em processo.

REFERENCIAS:

BRITZMAN, Deborah. *Curiosidade, sexualidade e currículo*. In. LOURO, Guacira L. *O corpo educado - pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autentica, 1999 - pp 89-111.

_____. *O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo*. Porto Alegre: FacEd, UFRGS, Revista Educação & Realidade –v.21, n.1, jan/jun-1996 pp.71-96.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 7ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: 4ª ed. Forense Universitária, 1995.

_____. *História da sexualidade. V.1: a vontade de saber*. 10ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *Vigiar e punir*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.